

Tribuna da Humildade

“O Espiritismo se tornará crença comum, ou ficará sendo partilhado, como crença, apenas por algumas pessoas?”

Certamente que se tornará crença geral e marcará nova era na história da humanidade, porque está na natureza, e chegou o tempo em que ocupará lugar entre os conhecimentos humanos.”

O Livro dos Espíritos, questão 798.

O aprendizado não cessava. Marcondes e Selena renovavam-se a cada dia. Cada história revelava-lhes um mundo novo de reflexões acerca da imortalidade.

Aproximando o momento no qual traçariam os planos para o futuro sob os auspícios de Dona Modesta, foram convidados a conhecer uma das mais divulgadas tarefas de recuperação do Hospital Esperança, a *tribuna da humildade*.

Naquela tarde, o grupo compunha-se de vinte e cinco participantes. Entre eles, dez evangélicos, cinco espíritas, cinco terapeutas que orientavam a técnica e alguns convidados e cooperadores.

Nos corredores do pavilhão Judas Iscariotes seguia Dona Modesta, matrona, acompanhada de Marcondes e Selena que se dirigiam para a tribuna.

Uma sala pequena para cinquenta pessoas, disposta em círculo, com um pequeno púlpito. A disposição didática era

interessante, porque, ao contrário do habitual, o palestrante ficava em posição abaixo do nível da platéia, lembrando mais as construções de teatro ao ar livre que propriamente um ambiente para exposição.

Antes do início, Selena interrogou:

— Qual o objetivo da técnica?

— Uma promoção para trabalhadores que completam algum tempo de labor junto ao pavilhão Judas Iscariotes. O objetivo é vencer as escaramuças acumuladas durante a última reencarnação, e que ainda refletem desfavoravelmente em seus afazeres.

— Quem falará hoje?

— Pastor Jânio.

— É pastor mesmo, ou apenas apelido?

— Um evangélico.

— Mas...

— Selena, estamos na hora do início, depois, teremos tempo para o diálogo. Vamos nos assentar – concluiu Dona Modesta.

Um terapeuta de nome Carlos fez a abertura da reunião e convidou o nosso irmão para assumir. Jânio é homem de meia idade. Devoto dos ramos protestantes, fundou e atuou, por décadas, nas igrejas evangélicas no nordeste do Brasil, estado do Ceará. Como não tinha dificuldades com público, assumiu a tribuna, olhou-nos a todos por um instante e pareceu emocionar-se ao olhar para Dona Modesta. Então pronunciou:

— Amigos, perdoem-me a emoção. É estranho que um homem acostumado a grandes públicos esteja, literalmente, engasgado ao olhar para esta pequena platéia. Quero dizer, inicialmente, como fui orientado pelo meu terapeuta: consultaram-me, previamente, e aceitei colocar minha vida em aberto. Se estivesse na Terra, teria motivos de sobra para esconder o que vou dizer. Porém, aqui, na vida espiritual,

perdi todas as razões para uma vida de mentiras.

Tive uma juventude detestável, atolada no vício, até conhecer Marisa, a mãe de meus três filhos e a mulher responsável pela minha trilha religiosa. Filha de evangélicos devotos, Marisa conquistou-me o coração e incentivou-me os cuidados cristãos à luz da religião. Fundei uma igreja adesa a um enorme grupo já consagrado do evangelismo social. Quando percebi como é fácil aglutinar multidões e convencer-lhes, perdi de vez o sentido de minha vinculação ao Evangelho. Planos nefandos, rotulados por iniciativas louváveis para a causa, incendiaram-me os pensamentos. Pastores experientes induziram-me a crer em uma senda inevitável para quantos servem ao Senhor: a riqueza e a ostentação. Com o argumento de sermos instrumentos poderosos de convencimento, passei ao consumo das idéias estratégicas sem laço com o coração.

Marisa, mãe zelosa e habituada aos argumentos dos seus pais, jamais me questionou as decisões, fazendo parte de tudo com a alma. Eu, no entanto, passei a ter metas de conforto e luxúria.

Somente minha mãe, mulher espírita, dada à assistência aos pobres, preocupava-se com meu destino. Porém, entre o vício de outros tempos e o homem de agora, minha mãezinha preferia o homem religioso a que me converti.

Nunca assumi para ninguém... Detestava consultar a bíblia... Sempre achei enfadonhos os textos... Quando lia algo que me tocava o sentimento, abria um canal para culpas infundáveis; afinal quem era o Jânio senão um jovem ex-viciado e agora um pastor ganancioso? Sentia-me pequeno, inferior. Apesar de agraciado por multidões, tinha vontade de estiolar o cérebro. Os conflitos aumentavam. A ansiedade tomava-me de assalto. Quando tive a coragem de consultar um dos grandes pastores, veio o conselho: “seu problema é um só, Jânio! Mulher... mulher...”. Então o último hausto de honestidade esvaiu-se de vez.

Preferi o equívoco, pois me agradou a idéia de que uma “autoridade” maior abonasse minha conduta com o seguinte argumento: “pessoas dedicadas como nós temos alguns descontos perante Deus...” A igreja estava abarrotada de fieis hipnotizados. Mulheres belas e sofridas à procura de homens nobres e atenciosos. Foi fácil, mais uma vez, foi fácil...

Minha mãe, novamente, foi convocada a agir, pois uma das crenças de que abusei passou a freqüentar-lhe o centro espírita. Sempre tinha um bom argumento, e tudo ficava como estava, a caminho da queda. O prazer durante um bom tempo fez sentir-me melhor, mas depois... Aí sim, veio o pior... A depressão! Não conseguia esconder a tristeza, o enfado, a loucura por dentro. Não tive alternativa ante o volume cruel de obrigações, senão pretextar uma longa viagem com a família. As tricas políticas por fim afastaram-me do púlpito. Em uma noite de dor, não suportei e dei cabo da vida...

Vejam essa marca.

E, surpreendendo a todos, abriu a camisa, mostrando o peito com larga marca cicatrizada por todo o tórax, parecendo uma velha casca de maracujá toda enrugada.

— No corpo físico, jamais alguém veria uma cicatriz dessa natureza. Somente na vida espiritual pode-se aferir os efeitos do suicídio no perispírito. Aqui, entretanto, a cada dia que olho no espelho para mim mesmo... – ele caiu em pranto convulsivo, sendo auxiliado por seu terapeuta com um lenço. Olho para mim mesmo e penso na vida, penso em tudo que fiz, penso na parte boa de toda a minha história que resolvi esquecer: os filhos queridos ainda pequenos, a mulher sincera, a benção da religião, a mãe bondosa que não sei onde se encontra...

Jânio parou por um instante sob o influxo da emoção.

O público presente mantinha-se atento à fala do companheiro. Os mais sensíveis, entre eles Dona Modesta, deixavam as lágrimas lavar a face. E o pastor continuava:

— Que fiz para merecer socorro? Não imagino. Mas essa mulher que aqui está – e apontou para Dona Modesta –, tornou-se minha nova mãe, retirando-me de charcos de dor e loucura. Passados cinco meses nesta casa de amor e misericórdia, ainda carregando o peso da culpa e as dores cruéis no peito, só posso mesmo agradecer e oferecer-me para algo fazer em favor de alguém. Gostaria muito de pedir perdão a algumas pessoas. Como não sei se as verei, peço licença a vocês presentes para me permitirem um ato de amor em favor da minha paz.

Jânio olhou com atenção para a platéia e, como se sondasse o íntimo de cada qual com sua capacidade de percepção magnética, repentinamente, ajoelhou-se em frente a um dos presentes, e beijou-lhe os pés. Não conhecia a pessoa, nem sabia o nome e disse em voz alta:

— Meu irmão qual o seu nome?

— Célio

— Então, Célio, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, a quem glorifico, peço-lhe perdão, a ti meu irmão, porque mesmo não lhe tendo ofendido diretamente, nem lhe conhecendo, vejo mágoa em seu olhar, vejo tristeza em sua fisionomia. Perdoe-me, Célio, não errei por intenção. Fui um equivocado, um iludido por mim mesmo. Amo a Jesus e quero segui-lo. Perdoe-me irmão querido – e prorrompeu, novamente, em prantos, sendo abraçado efusivamente por Célio que demonstrou aceitar plenamente a atitude do Pastor.

Todos estavam emocionados ao extremo com a sinceridade de Jânio. Não resistindo ao ato de perdão, seu terapeuta o recolheu em abraço fraternal e pediu a Célio que assumisse a tribuna para falar o que desejasse. Jânio acalmara sua alma. Sua fâcies alterou, tornando-se leve, esboçando um sorriso e, de seu peito, uma fraca luminosidade podia agora ser percebida. Do alto, um filete de luz prateada, porém com altíssimo potencial de amor, penetrava seu centro gástrico

em profusão de bondade e ternura.

Os trabalhos continuavam. Depois do pronunciamento sensibilizado de Célio, Jânio regressou à tribuna para responder a várias questões dos evangélicos presentes. Em verdade, o tribuno fez uma catarse do grupo, aliviando suas próprias lutas. Terminadas as alocações que duraram sessenta minutos, os grupos se dispersaram, ficando Dona Modesta, Marcondes e Selena.

— Dona Modesta, que acontecerá com ele agora? — interrogou Selena.

— Estará mais aliviado e com novas amizades. Viram como os evangélicos o cercaram?

— Ainda bem que nós espíritas não temos erros tão clamorosos! — expressou Marcondes.

— Só mesmo quem não conhece com profundidade os dramas possíveis poderia afirmar algo assim, meu caro Marcondes!

— Pelo menos suicídio eu nunca ouvi dizer que exista entre os espíritas. Quero dizer, com exceção de Jandira que está nas alas restritas.

— Meu filho! Meu filho! Não queira saber do sofrimento de muitos amigos de lide em plena sombra. Em nossa ala de suicidas, temos inúmeros casos de espíritas.

— Dona Modesta! Será possível?! Nem os espíritas escapam? — indagou Selena com curiosidade.

— Nem mesmo os espíritas escapam. Viram a narrativa de Jânio. A depressão é doença sutil que vem assolando muitos amigos de ideal, que não reconhecem, com humildade, sua condição enfermiça. Temos casos de suicidas espíritas que jamais admitiram a possibilidade de consultar um psiquiatra.

— O que seria um contra-senso!

— Contra-senso por quê, Marcondes?

— Onde já viu um espírita necessitar de psiquiatra? Isso seria admitir que não se vive o Evangelho, ou pior, que a

doutrina não está sendo suficiente para nosso equilíbrio e orientação.

— Ledo engano! A questão não está na doutrina, nem no Evangelho e sim em nós, os espíritas. Somente desconhecendo a natureza de nossas necessidades, ou tentando ignorar a extensão de nossa inferioridade, pode-se exarar uma declaração como esta, pois, em verdade, a superlativa importância pessoal tem sido uma enfermidade comum entre amigos de lide. Você lembra das lições obtidas com H. na ala dos unificadores?

— Lembro.

— Pois fique sabendo que muitos daqueles que já se encontram no segundo andar, em melhores condições, optaram pelo suicídio.

— Não consigo imaginar como um espírita, particularmente um líder espírita, pode chegar a tal ponto.

— É mais fácil que você possa imaginar, Marcondes. O caso de Jânio ilustra bem esta trajetória.

— A senhora quer dizer que alguns espíritas fazem o mesmo percurso dele?

— Alguns fazem percurso pior.

— Então não são espíritas!

— Marcondes! Pense em sua experiência pessoal, amigo querido, e diga-me se poderia se considerar espírita.

— Sabe de uma coisa, Dona Modesta?!

— Diga.

— Estou deixando de acreditar nos espíritas.

— Se me permite a sinceridade, acho que o senhor nunca acreditou.

— Talvez! Talvez!

— E digo mais: por pouco não deixou de acreditar na doutrina.

— Isso também, Dona Modesta?!

— Pois tenho motivos para acreditar que sim.

— Quais?
— Pelo interesse com o qual você assistiu à preleção de Jânio.

— Não entendi bem... A senhora quer dizer que...

— Quero dizer – interrompeu a matrona – que você adoraria fazer algumas perguntas e não teve coragem, porque diziam respeito às suas crenças mais íntimas. Se estivesse na Terra, uma hora dessas, abandonaria tudo e seguiria outra designação religiosa, envolvido pela sinceridade de Jânio.

— Dona Modesta! Não seja indiscreta, porventura andou lendo meus pensamentos?

— Mais que isso...

— Não fiz as perguntas, porque o grupo de evangélicos deve ter lá seus problemas e abafaram o homem após a fala. Não queria me envolver em coisas de protestantes...

— Acha mesmo que foi colocado neste grupo a mercê do acaso?

— Não existe acaso, não é mesmo, Dona Modesta?!

— A Doutrina Espírita é uma bênção de alívio e paz para quem a busca e absorve-lhe as lições. Todavia, para quantos estacionam na superfície de seus ensinamentos, transforma-se em fardo consciencial. Por essa razão, alguns confrades recorrem a alternativas. Cansam de espiritismo!

— Cansar de espiritismo?! Nunca havia pensado nisto! Confesso-lhe que, se pudesse fazer ou viver algo aqui que não envolvesse a doutrina, seria uma experiência interessante. Quem sabe estudar filosofia?

— Estudar filosofia e continuar se enganando? Este cansaço, Marcondes, é proveniente do descompasso que criamos na interiorização dos princípios doutrinários. O Espiritismo brilha somente para quem lhe oferece um espelho translúcido no coração capaz de refletir-lhe a claridade infinita e benfazeja.

— Dona Modesta, posso perguntar? – indagou Selena.

— Já perguntou.

— Que faz Jânio neste Hospital?

— Prepara-se para trabalhar pelo bem das igrejas reformadas. Guarda vínculos estreitos com o Hospital, porque foi um pedido de sua mãe que, ao fim da existência tornou-se espírita. Ele fará um trabalho específico e árduo de convencimento e mudança de conceitos entre os evangélicos aqui presentes, para se adaptarem à realidade que querem negar.

— Temos por aqui alas específicas de evangélicos?

— Todos os seguidores e amantes da mensagem cristã encontram asilo nesta casa.

— Como são tratados, considerando que os orientadores do Hospital são espíritas?

— Com carinho e respeito incondicionais. Essa a orientação de Eurípedes e do próprio Cristo quando asseverou: “*Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros*”.⁽¹⁾ Há almas, nesta casa, com saudade das diversões terrenas. Temos um centro cultural que reproduz parte dessas manifestações, com fins de entretenimento educativo através de teatro, música e cinema. Temos também uma capela com fins terapêuticos para aquelas almas que sequer encontram motivos para continuarem a viver. Carecem de manifestações exteriores. Apesar disso, não é incomum encontrar alguns espíritas freqüentando-a em preces sentidas e autênticas. Nosso nosocômio é um centro de recuperação que reproduz muitos cenários terrenos com fins motivacionais e restauradores. Claro que, em colônias mais ajustadas às finalidades ascensionais do espírito, certamente tais manifestações são abolidas, objetivando a consciência. Aqui no Hospital Esperança, apesar de sua feição educacional, não conseguimos, por agora, escapar de sua característica eminentemente socorrista, atrelada ao mundo terreno.

Observando a fisionomia absorta de Marcondes, Dona

Modesta provocou:

— Está intrigado com a capela, Marcondes?

— Como lhe disse, Dona Modesta, acho que vou parar de ficar surpreso. Não duvido de mais nada. Vou tentar ver tudo com naturalidade.

— Sua fala merece umas palmas – manifestou a orientadora com alegria – pois esse é o espírito da vida: naturalidade. Vivê-la como ela é. Celebrando a existência com fraternidade ao diverso, ao aposto, ao contrário. Felizes são aqueles que conseguem caminhar dessa forma. Distantes da terrível doença do preconceito e da indiferença.

— Por qual razão a senhora nos trouxe aqui? – intercedeu novamente Selena, que estava muito reflexiva sobre as novas informações daquela hora.

— Esta é a *tribuna da humildade*! Já passaram por aqui alguns espíritas conhecidos, fazendo de seus mais singelos “pecados” um verdadeiro tributo à autenticidade. Outros, em situações mais graves, tiveram a coragem de revelar desvios clamorosos de sua vida corporal.

— Expondo-se assim, de forma pública?!

— Mais cedo ou mais tarde, todos nós teremos que tratar nossas mais secretas amarguras e feridas. É o preço pela liberdade. Teremos que apontar nossas chagas para que o Médico Divino possa sará-las. E apontar significa olhá-las no espelho da consciência. Só é capaz de operar dignamente, nesse sentido, aquele que adotar a postura mental da humildade. Humildade é o ato de amarmo-nos como somos. A tribuna, para esses, não passa de uma técnica auxiliar.

— Parece-me muito cruel ter que se expor assim. Como será usada esta informação depois? Não sei quanto ao mundo em que me encontro, mas, no plano físico, se agíssemos assim, certamente seríamos macerados. Nossas informações seriam usadas contra nós e aí daquele que se expor!

— Não posso discordar de semelhante verdade. Aqui,

porém temos objetivos bem definidos e só participam da tribuna os pacientes que tiveram suas fichas exaustivamente analisadas. O ato de se expor em nosso plano é sinônimo de alguém que, primeiramente, expôs-se a si próprio. Assim como a regressão de vidas passadas é recomendável em alguns casos, a “tribuna psicológica” só terá efeitos benéficos para determinadas almas com traços peculiares de autoconhecimento.

— Em síntese, qual a função da tribuna?

— Sobretudo, encorajar os outros a se assumirem.

Ampliarem seu lento trabalho de desilusão, retirarem máscaras. Existe um acompanhamento de especialistas terapêuticos de diversas modalidades, cujas qualidades morais são resultado de longo serviço de amor à dor alheia. Cinco, entre vinte e cinco integrantes do grupo de hoje, são psicólogos e admiráveis estetas das ciências da alma. Terapeutas psíquicos.

— Somente novatos a freqüentam?

— Somente quem deseje vencer a si. Temos sessões mais profundas em que alguns corações mais conscientes, de posse de muitas informações de suas vidas pretéritas, explicam as falhas da existência recém-finda sob a ótica de sua trajetória milenar. Algo maravilhoso e profundo, capaz de fazer nascer a sublime virtude da compaixão quando entendemos que aquilo que parece queda, na maioria dos casos, é avanço e crescimento, considerando as transatas existências carnisais.

— Meu Deus!

— Que foi, Marcondes?

— Passou uma bobagem pela minha cabeça.

— Não é bobagem. Antes fosse do jeito que você pensou.

— A senhora está lendo meus pensamentos?

— Mais que isso, repito...

— Mais?!

— Leio seus sentimentos
 — O que senti?
 — Desejo sincero de que esta fosse a realidade dos centros espíritas.
 — Será possível que, um dia, venha a ser assim, Dona Modesta?
 — Não tenha dúvida.
 — Quando?
 — Quando os espíritas desistirem dos estereótipos e laborarem pela maioria. Segundo Doutor Bezerra, temos setenta anos para instauração deste período; o *período da maioria*.⁽²⁾
 — É muito tempo...
 — Um piscar de olhos...
 — Permita-me uma pergunta meio rude, ante suas colocações, seria crível admitir que os espíritas estivessem teatralizando moral?
 — Inconscientemente.
 — Explique melhor, por favor.
 — Não o fazem por deliberação, intencionalmente. Apenas se defendem do que não desejam expor...
 — Então teatralizam.
 — Teatralizamos.
 — Não me incluo nessa postura.
 — Não se inclui por pura ausência de lucidez quanto a seu mundo subjetivo.
 — O que a senhora quer dizer? — falou meio irritado o velho dirigente Marcondes.
 — Que dificilmente alguém escapa de encenar virtude em nosso meio, amigo querido. Faz parte das etapas de avanço. Primeiro, os germens da reforma íntima fermentam longamente nos escaldantes caldeirões da intelectualidade. Somente depois, bem depois, é que se inicia uma metamorfose nos escaninhos do coração, no qual,

definitivamente, processa-se a reforma autêntica, a conquista do *self*. Para cada um, esse tempo é diferente. Diante do exposto, poderíamos denominar o irmão Jânio como um protestante espírita!

— Pastor espírita?
 — Assusta-lhe a nomenclatura?
 — ? ...
 — É a pureza novamente não é, Marcondes?
 — Para mim, existe um só tipo de espírita.
 — E os outros...
 — Os outros podem se dizer espíritas, mas não são.
 — Qual seu conceito do verdadeiro espírita.
 — O de Kardec. Aquele que se esforça para domar suas más tendências.⁽³⁾
 — E se o pastor Jânio estiver enquadrado nessa condição?
 — Mas ele não é um evangélico?
 — Evangélico e verdadeiro espírita, segundo a conceituação Kardequiana. Como ficamos?
 — Ainda assim! O que ele acredita ou sabe sobre mediunidade, reencarnação e os fundamentos espíritas?
 — Kardec não fala que se reconhece o verdadeiro espírita por acreditar nos fundamentos espíritas.
 — Está subentendido na fala do codificador, evidentemente, que ele se refere a quem crê.
 — Marcondes, o que você acredita em relação ao futuro? Teremos homens espíritas, ou homens de bem?
 — O Espiritismo é a revelação da Verdade. O homem terá que adota-la inevitavelmente.
 — Nem por isso todos vão ter de se tornarem espíritas. Concorda?
 — Discordo. Mais cedo ou mais tarde, terão de se tornarem espíritas.
 — Você não acha que seria mais razoável pensar que

todos adotarão os fundamentos da doutrina, mas cada qual conforme sua cultura e designação religiosa?

— Isso seria desfigurar o Espiritismo em sua pureza?

— E qual a pureza do Espiritismo?

— A que foi dada por Kardec.

— Kardec fez o Espiritismo possível em seu tempo.

Sem retirar-lhe a condição de missionário da Nova Era, o codificador foi um homem de seu tempo, sujeito à cultura de sua nação. Veja que os próprios livros da codificação contêm larga influência da corrente positivista e mesmo da igreja. Conquanto tenha sido um investigador incomparável, esteve submisso, como não poderia ser diferente, ao “caldo cultural” de sua época. Vindo para o Brasil, a doutrina assimilou, por sua vez, os traços religiosos e sociais do nosso país.

— O que a senhora quer dizer com isso?

— Que o Espiritismo chamado de puro é uma criação da cabeça humana, tomada pelo preconceito, e que os espíritas de hoje são um “novelo cultural católico”, um fenômeno social e histórico. As práticas e conceitos doutrinários foram talhados pelo arcabouço milenar do homem religioso.

— Não, Dona Modesta! Desculpe-me a interferência! A senhora está exagerando e misturando as coisas. Se todos pensarem dessa forma, onde vai parar o Espiritismo?

— Vai parar no lugar que ninguém, em tempo algum, conseguirá detê-lo de chegar.

— Onde?

— No terreno neutro. Vai se tornar uma crença geral como afirma a sabedoria do Espírito Verdade, mas não uma religião geral.

— ?

— Vamos ler aqui um trecho de *A Gênese* XVII, item 32: “A fim de chegarem a esta, as religiões terão que encontrar-se num terreno neutro, se bem que comum a todas; para isso, todas terão que

fazer concessões e sacrifícios mais ou menos importantes, conformemente à multiplicidade dos seus dogmas particulares. Mas, em virtude do processo de imutabilidade que todas professam, a iniciativa das concessões não poderá partir do campo oficial; em lugar de tomarem no alto o ponto de partida, tomá-lo-ão em baixo por iniciativa individual. Desde algum tempo, um movimento se vem operando de descentralização, tendente a adquirir irresistível força. O princípio da imutabilidade, que as religiões hão sempre considerado uma égide conservadora, tornar-se-á elemento de destruição, dado que, imobilizando-se, ao passo que a sociedade caminha para frente, os cultos serão ultrapassados e depois absorvidos pela corrente das idéias de progressão.”

— Como interpretar esse trecho?

— O Espiritismo não cria a renovação social e nem incute espiritualidade no povo. A Terra avança paulatinamente para a maioria na busca da noção abrangente de civilização. Essa maioria humana requer uma doutrina tão clara quanto o Espiritismo. As pessoas se espiritualizam com ou sem o Espiritismo.

— Suponhamos que seja como a senhora diz. E se eu quiser continuar espírita conforme o conceito que tenho de verdadeiro Espiritismo?

— É um direito que lhe cabe. Contudo entenda que não é verdadeiro para todos. Não será o caminho adotado pela maioria ante o inexequível fenômeno mundial de espiritualização. O seu conceito de pureza é parte nessa diversidade. Merece ser acatado como parte de um todo.

— Falando assim, sinto um enorme desânimo para com o trabalho dos unificadores, do esforço que fazem milhares de homens pelo bem da doutrina.

— Essa a questão! O bem da doutrina. O homem realiza o que pode de melhor no seu conceito pela causa, pela doutrina. No entanto, esquece que ela defende e prega o amor incondicional ao semelhante. Ama-se a doutrina e

desama o alvo central dela própria. Uma incoerência que precisa ser corrigida.

— Isso me causa uma terrível insegurança.

— Em relação a quê?

— Aos exageros doutrinários, por exemplo!... Nesse enfoque, logo teremos “espíritas católicos”, “espíritas umbandistas”...

— Teremos, não! Já temos! Além deles, começam a surgir os “espíritas psicólogos”, “espíritas artistas”, “espíritas administradores”, “espíritas ocasionais” e outros tantos.

— E como fica essa situação? De espíritas, eles só têm o nome. Como disse a senhora, são ocasionais. São espíritas “em parte”, ou seja, naquilo que lhes diz respeito.

— Explique melhor.

— O caso do psicólogo que se diz espírita, porque usa alguns conceitos espíritas em seu trabalho. podemos considerá-lo espírita?

— Sem dúvida.

— Ah, Dona Modesta! – debochou o dirigente – não consigo aceitar isso nunca! Só porque um psicólogo ou um umbandista utiliza alguns conceitos espíritas, dizerem-se espíritas?! É demais!

— Por que demais?

— E onde fica a vivência dos princípios? Quão distantes não estão do que propõe o Espiritismo!

— E o que propõe o Espiritismo?

— A reforma, a melhora, a ética do bem.

— Analisado dessa forma, pode-se fazer uma pergunta: como se encontram os que se dizem verdadeiros espíritas em relação a essa reforma, a essa melhora, a essa ética do bem?

— Fazendo o melhor que podem para honrá-la dentro dos centros espíritas, firmes na tarefa.

— Mas com as mesmas lutas de todo ser humano, concorda?

— Concordo. E o que tem isso a ver.

— Tem a ver que cada qual dará o passo possível em direção a essa melhora, e não se surpreenda de encontrar por aqui alguns homens como o pastor Jânio, que jamais ouviram falar em Espiritismo e oferecem testemunhos como o que você ouviu e que, no entanto, encontram-se melhores que muitos espíritas nesse conceito defendido por você. O maior problema do cristianismo primitivo foi ter banido o amor de suas relações. Se usasse hierarquia e ritual, mas amasse...

— A senhora está pregando um Espiritismo ritualizado em nome do amor?

— Sou a favor do amor acima de quaisquer conotações filosóficas e religiosas.

— E os conceitos doutrinários, como ficarão nesse caso?

— São irretocáveis, desde que os vivamos em espírito e verdade. O amor é o centro de convergência de todos os fundamentos espíritas. Se advogarmos os princípios sem exemplos de amor legítimo, estaremos vivendo o processo chamado institucionalização, isto é, o aprisionamento de sentimentos em detrimento das convicções. Essa atitude conduz ao desamor. E uma das suas mais viris manifestações chama-se indiferença, isto é, a ação emocional de quem não pretende interagir com os diferentes e suas diferenças.

— E o modelo criado pelos unificadores, pelo esforço de Bezerra de Menezes, cuja história se confunde com as nascentes do Espiritismo brasileiro?

— O modelo inicial foi necessário. O problema é torná-lo modelo definitivo. O próprio Doutor Bezerra tem visão clara sobre as necessidades do momento, sendo ele próprio o mentor desta nova etapa das idéias espíritas para o mundo. Acordos e iniciativas conjuntas com condutores espirituais de diversas nações são celebrados constantemente. Há um clamor desses corações que amparam as nações da Terra no intuito de que as vertentes filosóficas do Espiritismo

alcancem o território sob seus auspícios.

— Posso fazer mais uma pergunta atrevida?

— Adoro perguntas atrevidas!

— A senhora acabou de ler um trecho da codificação.

Aqui mesmo no Hospital, já os vi em pleno uso nas diversas mesas de estudo; o que a senhora pensa dos livros de Kardec?

— São como uma bóia.

— Uma bóia?...

— Para que serve uma bóia? – indagou Dona Modesta em atitude professoral. Uma bóia é apoio a quem não sabe nadar!

— Nesse caso, sob aspecto espiritual, a humanidade inteira precisa dela.

— Precisam até que aprendam a nadar e singrar mares desconhecidos com o esforço pessoal.

— Quer dizer...

— Quero dizer que há muito por se desvendar. A codificação abriu o véu da imortalidade, para que o homem penetrasse o mundo desconhecido da vida futura. No entanto, o texto de Kardec não disse a última palavra. Ao invés de sermos tão textuais em relação ao codificador, deveríamos estudar sua postura coerente, sua sensatez, sua prudência e sua capacidade investigativa. O próprio codificador já renovou seu foco sobre o trabalho que ele mesmo realizou, acompanhando o progresso...

— O Espiritismo é a terceira revelação. É a Verdade.

— Caminho para a verdade e a vida.

— Caminho?

— Sem dúvida, o mais claro caminho oferecido por Deus ao homem para sua espiritualização na Terra.

— O melhor, eu diria!

— Prefiro não pensar dessa forma.

— Não? Por quê?

— O melhor para cada um tem conotações

diversificadas. Voltamos à origem de nossa conversa. É mais interessante tornar-se um homem de bem, que um espírita dentro dessa conceituação estereotipada. O Espiritismo dissecou a imortalidade. Abriu panoramas para analisar a continuidade da vida. Desvendou a “anatomia do céu” e orientou como alcançá-lo. Mas não disse tudo. Pequena ponta do imenso véu está aberta pela sabedoria dos ensinamentos espíritas. O mérito da doutrina é conferir lógica aos princípios religiosos de todos os tempos e conectá-los com a ética da benevolência aplicada. Indiscutivelmente, sem quaisquer reducionismos, o triunfo da doutrina não foi somente o de reafirmar a imortalidade, um princípio já consagrado em várias culturas, mas sim o de dissecar esse tema, esquadrinhando a “anatomia da morte”, conferindo-lhe caráter comportamental. A lógica adveio da experimentação, e a ética sobressaiu dessa como sendo a alma das idéias espíritas. A lógica ilumina a razão para conquista de uma fé racional, e a ética impulsiona o ser para adoção dos caminhos libertadores rumo à consciência divina de nós mesmos.

— Confesso que a argumentação da senhora balança meus conceitos. Todavia não consigo aceitar, de coração, suas colocações. Para mim, o verdadeiro espírita é só um e não tem meio termo. O verdadeiro espírita é aquele que está na comunidade, seguindo os preceitos de Kardec.

— A comunidade espírita, em verdade, é um exemplo no que tange ao esforço sacrificial para vencer a rotina imprimida pelas ilusões mundanas. É uma seara bendita que deve ser interpretada como excelsa enfermidade para recuperação de nós próprios. Em que somos diferentes dos demais religiosos? Já vivemos a ética da imortalidade? Qual de nós venceu por completo a roda dos interesses pessoais? Quantos já desenvolvemos o pensamento reencarnacionista a ponto de iniciar o projeto do futuro retorno? Necessário avaliar que as vitórias e aquisições, à luz do espírito imortal,

não passam de matrizes valorosas, porém embrionárias para germinações na longa peregrinação evolutiva. Não se equivoque! A comunidade espírita brasileira é um centro de recuperação para almas acentuadamente enfermas tanto quanto nós três...

— Perdoe-me a sinceridade que faz bem ao seu gosto, mas não sei se chamo a senhora de louca ou inteligente! — manifestou o dirigente com humor.

— Pouca diferença existe entre loucura e inteligência. Digamos que os inteligentes são loucos educados... De minha parte, creio que nem isso eu seja. Sou uma louca... Louca pelo Cristo!

A vida de qualquer discípulo não é mais a mesma depois de passar pela *tribuna da humildade*. A tarefa criada por Dona Maria Modesto Cravo, sob aprovação de nosso diretor, alcança índices gloriosos na libertação de almas aprisionadas às suas próprias mentiras.

Qual de nós não terá que subir a essa tribuna ao longo do espinhoso caminho da desilusão?

⁽¹⁾ João 13:35.

⁽²⁾ *Seara Bendita*, Editora Dufaux — mensagem "Atitude de Amor".

⁽³⁾ *O Evangelho Segundo Espiritismo*, capítulo XVII, item 4.

24

Geração Solidária

"Não se deve entender que por meio dessa emigração de Espíritos sejam expulsos da Terra e relegados para mundos inferiores todos os Espíritos retardatários. Muitos, ao contrário, ao voltarão, porquanto muitos há que o são porque cederam ao arrastamento das circunstâncias e do exemplo."

A Gênese, capítulo XVIII, A Geração Nova, item 29.

Após intenso labor em dias seguidos de auxílio e socorro, Dona Modesta convidou Cícero Pereira, Marcondes e Selena para um instante de entretenimento em sua residência, nas cercanias do Hospital Esperança.

O momento era de intimidade. A anfitriã conservava os velhos traços da mineira hospitaleira. Uma boa xícara de chá refazente era servida enquanto a conversa absorvia-os em clima de descontração.

— Quanta dor nessas plagas! — manifestou Selena.

— A vida espiritual tem também suas alegrias, não é mesmo, Dona Maria? — atalhou o Professor Cícero.

— É verdade! Muitas alegrias!

— Dona Modesta, fui informada, em conversas de rotina com servidores do Hospital, que a senhora guarda vínculos profundos com algumas criaturas no plano físico! Seria a mentora deles?